

SÃO JOÃO DA RUA DO AREÃO, EM LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA (BA)

Por Adriana de Vital



Antes da abordagem do tema sugerido no título acima, cabem algumas palavras introdutórias sobre São João e os festejos realizados em seu louvor. Em primeiro lugar, é obrigatório mencionar que estamos falando de São João Batista, o anunciador de Jesus Cristo, e não do apóstolo e evangelista João, discípulo de Jesus.

João Batista, segundo os relatos bíblicos, teria nascido em circunstâncias milagrosas, exatamente para ser o preparador da vinda de Jesus Cristo à terra. O milagre vem do fato de seus pais, Zacarias, que era um sacerdote Judeu, e sua esposa Isabel, estarem em idade avançada, sem nenhuma condição de ter filhos.

Segundo o evangelista Lucas, o arcanjo Gabriel apareceu e disse a Zacarias que sua esposa teria uma criança, que deveria ser chamada de João. Mas o ancião não teria acreditado na mensagem e ficou mudo até o nascimento do menino. Quando lhe foram dar o mesmo nome do pai, Zacarias protestou e, sem poder falar, escreveu que o nome teria de ser João. Desde então, voltou a falar.

Isabel era prima de Maria, que veio a ser a mãe de Jesus, com quem teria feito um acordo, durante a gravidez, para acender uma fogueira sobre um monte, a fim de avisar o nascimento de João. E essa teria sido a origem da fogueira até hoje acesa durante os festejos juninos e que os europeus ascendiam no começo do verão.

Portanto, o “São João” é uma festa cristã e possui, pode-se dizer, dois lados: o profano e o religioso. Tem origem no território europeu e chegou ao Brasil através dos portugueses, por quem o nosso país foi descoberto. No Brasil, é uma festa tipicamente nordestina, mas se realiza, também, em outros estados, como festas do Brasil caipira.

Como festa religiosa, é composta de nove dias de preparação, as chamadas novenas, e da celebração de uma missa solene e festiva, no dia 24 de junho, dedicado ao santo. Popularizou-se como “festa junina”, derivado de “joanina”, para se referir a João, ou referindo-se ao mês de “junho”, em que se realiza.

O nome genérico de “festejos juninos” serve, também, para abarcar os três santos comemorados no mesmo mês: Santo Antônio, 13 de junho; São João, 24 de junho; e São Pedro e São Paulo, 29 de junho. O ponto forte, porém, sempre foi a referência ao profeta, anunciador de Cristo, e a festa era simplesmente chamada “Dia de São João”, assim como há “Dia de Santo Antônio”, “Dia de São Pedro” e “Dia de Natal”.

São João tem muitos devotos, que lotam as igrejas nos atos religiosos, mas a atração maior passou a ser o chamado lado profano da festa, totalmente desvinculado das celebrações religiosas. Os ingredientes típicos da festa popular são as comidas, como mungunzá, canjica, variados tipos de bolo e o milho verde, as bebidas, os trajes, danças e as canções, como a quadrilha e o forró.

Com o passar do tempo, porém, a festa foi perdendo suas características originais, com as comidas típicas substituídas, por exemplo, até por feijoada, como na Rua do Areão, em Livramento de Nossa Senhora, na Bahia, e as canções juninas trocas por todo tipo de ritmos, inclusive o carnavalesco, tendo

no comando poderosas bandas, que transformaram a tradição em um rico meio de vida.

Os trajes típicos só são vistos nos salões e escolas, em folguedos privados, como alegorias exóticas. As praças e outros arraiais públicos, tendo mais uma vez a Rua do Areão como exemplo, foram transformados em passarelas da moda. No caso da Rua do Areão, jovens e até senhoras aproveitam, em pleno frio do mês de junho, para exibir a última moda, composta de roupas curtas e sapatos altos.

Está sendo dado adeus às vestimentas do matuto, como camisa quadriculada, calça remendada com panos coloridos e chapéu de palha, para os homens, vestido colorido de chita e chapéu de palha, para as mulheres. A cerveja e o uísque substituíram largamente o “quentão” e os licores.

Cada vez menos se vê, compondo as “orquestras juninas”, o cavaquinho, sanfona, triângulo e o reco-reco, heranças da música popular e folclórica de Portugal. As poderosas bandas e as músicas com letras de duplo sentido, geralmente de muito mau gosto, tomaram o lugar.

Há um pouco, ainda, felizmente, da decoração típica, à base de bandeirolas, que passaram a ser de plástico, e outros enfeites. Muitas coisas “morreram”, como as barracas de palhas de coqueiro, substituídas por toldos de lona, e as quermesses, mais conhecidas por aqui como “leilões”.

É certo que tudo isso, que chamam de “adequação” e “atualização”, tem feito aumentar o público, despertando o interesse comercial da indústria cultural. Todavia, está deixando de ser “Dia de São João”, talvez a mais antiga das festas cristãs. Tem como evitar que acabe? Talvez não.

Mas o importante é que Livramento ocupa lugar de destaque nessa tradição junina e os esforços devem ser no sentido de não deixar se desnaturar a sua origem. Não pode haver festa junina autêntica sem a alegria do “casamento na roça”, as quadrilhas, o forró pé-de-serra, os bingos e os leilões. Nem sem pamonha, batata assada, amendoim e canjica.

Vamos tomar o foco desse artigo, falando sobre a origem dos festejos em louvor a São João Batista, no hoje bairro Rua do Areão, em Livramento de Nossa Senhora, Bahia. “Rua do Areão”, na verdade, não é uma rua, não é um bairro e muito menos um areão. É um sítio histórico, que talvez tenha sido o primeiro aglomerado urbano do município, cujo nome original teria sido Vila Velha.

Como se sabe, o território do hoje município de Livramento de Nossa Senhora pertencia a Rio de Contas, tendo origem, portanto, no ciclo do ouro, formado a partir da chegada dos bandeirantes paulistas. E a atual Rua do Areão, o nome advém da grande quantidade de areia ali existente, teria sido o primeiro assentamento dos desbravadores.

Apesar disso, há motivos para se acreditar que a principal festa em louvor a São João teria sido a de Dom Basílio, da qual o santo é padroeiro e que já pertenceu ao território de Livramento. A prova estaria no fato de que na Rua do Areão há, em verdade, uma igrejinha, quase uma capela, enquanto em Dom Basílio há uma antiga igreja matriz, com porte de catedral.

Costa que a pequena igreja da Rua do Areão foi erguida, em louvor a São João Batista, entre o final do século XVIII e início do século XIX. Teria sido fruto de uma promessa de um senhor conhecido como João de Zinha, morador de outra comunidade, retribuindo o milagre de ter curado seu filho, que estava entre a vida e a morte.

Os festejos eram e ainda são organizados por um morador, escolhido, a cada ano, pela comunidade, que recebia o cargo de “festeiro”, situação comum nas festas religiosas do sertão. Havia muita fé e devoção e a festa era animada por queima de fogos e o som de uma filarmônica, tudo sob os auspícios da Igreja. Uma das funções do festeiro era arrecadar dinheiro para a festa, junto à comunidade.

Durante nove dias, rezavam-se as novenas, seguidas de leilão, outro meio de se arrecadar recurso, realizado na parte externa do templo. Em torno da mesa do leilão, reuniam-se rapazes e moças, de onde costumavam surgir relacionamentos amorosos, que acabavam em casamentos. Em muitos casos, o contato começava com a doação, pelo rapaz, de alguma coisa arrematada no leilão. A disputa era acirrada, pois os rapazes queriam fazer bonito para atrair a atenção da jovem pretendida.

Gente de todas as regiões de Livramento e até de municípios vizinhos vinham para a festa, muitos deles hospedando-se, pelo período da festa, em casas de amigos e parentes. Ninguém queria perder a exibição dos grupos de quadrilhas, ouvir o toque da sanfona, do zabumba. Enfim, queriam apreciar todas aquelas brincadeiras típicas e saudáveis, como o pau-de-sebo, quebra-pote e queima da “maria branca”, que atraíam os diversos segmentos da sociedade.

Essas características genuínas, porém, foram se descaracterizando, a partir da década de 1970, principalmente com a chegada a energia elétrica, que fez a festa se transformar em verdadeiro ponto de comércio. E é em que se transformou, atualmente, para o que própria interferência do poder público muito colaborou.

Os atrativos modernos foram tantos que virou local de grande visitação, nos dias de festa, faltando a infraestrutura adequada, tendo a festa oficial sido transferida para o centro da cidade, na Praça da Bandeira, hoje Praça Dom Hélio Pascoal.

Mas a tradição religiosa continua na Rua do Areão, preservada pelos próprios moradores, com o largo ainda sendo decorado com motivos juninos, as novenas e a missa. Em uma quadra construída ao lado da igreja, continua a apresentação de grupos musicais juninos, onde os frequentadores dançam e brincam, depois das novenas, até a madrugada.

Os moradores capricham nos enfeites da praça. As barracas de palha de coqueiro foram substituídas pelos toldos de lona, mas ainda é grande a presença de pessoas, que, além de desfilarem a última moda, curtem as músicas, dançam e saboreiam as comidas e bebidas típicas. É considerada uma das festas juninas mais frequentadas de Livramento e região.

Nos últimos anos, os festejos em louvor a São João Batista, no sítio histórico de Rua do Areão, passaram a ser abertos, dia 15 de junho, com uma estrondosa alvorada, às 5h, em 15 de junho, à base de música e fogos de artifício. O frio nessa época do ano costuma ser cortante, mas não desanima os devotos, inclusive crianças, que, em seguida, saboreiam apetitosa feijoada, novo e inusitado ingrediente da festa, pagamento de uma promessa do morador Antonio Carlos Novais de Oliveira.

À noite (19h30) do mesmo dia, começa o novenário, que culmina com a missa festiva, dia 24, numa tradição que já dura, acredita-se, cerca de 200 anos. É uma festa caracterizada pela fé marcante em São João Batista. Muitos vão lá para o gozo profano das bebidas ou dançar o típico forró pé-de-serra, mas o que mantém viva a tradição é a fé religiosa.

É encabulante o empenho dos moradores na organização dos festejos, da ornamentação do “arraiá” ao roteiro religioso. Mesmo sem as tradicionais barracas de palhas, sustentadas por troncos de bambu, que foram substituídas pelos toldos de plástico, a alegria e animação não diminuíram.

O portal www.mandacarudaserra.com.br, em 2011, registrou que *Ivanilde Lima Aguiar, a “Baiana”, morando em São Paulo há 30 anos, vem todos os anos para ajudar. Sua motivação mais forte é continuar a tradição defendida por seu pai, João Gonçalves de Aguiar, falecido aos 96 anos, em 2006.*

Em depoimento ao mesmo site, o morador Antonio Carlos Novais de Oliveira, afirma: *“Agente nasceu e criou neste local e acostumou com esta tradição. Meu filho esteve muito doente e eu fiz uma promessa a São João Batista, que intercedeu e salvou a vida dele. Aí, comecei a participar”*. Essa promessa consistia em oferecer feijoada aos devotos e soltar fogos. Ele espera que a alvorada não morra, como “morreram outras coisas, como o leilão e as barracas de palha”.

Diz a mesma edição de “O Mandacaru” que, *Antes dos fogos, ouve-se o som dos dobrados da Banda do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha, do Rio de Janeiro. Segundo Carlinhos e Cássius Aguiar, o som foi introduzido por Paulo de Urbino, há 30 anos, que colocava uma radiola na janela, para tocar na hora da alvorada. “Era daquelas radiolas de abrir, lembra?”, complementa Cássius. A radiola não existe mais, mas as músicas foram transferidas para CD.*

Os organizadores garantem que ninguém reclama do barulho, tão cedo. Antes, as pessoas até saiam enroladas em cobertas e sentavam-se nos bancos para apreciar o espetáculo. E, assim, passando por “adequações”, recebendo novos ingredientes, a tradição vai sendo mantida.

Tradição que une, não o profano deteriorado, mas o popular autêntico e a parte religiosa dos festejos, pois quem organiza e canta na igreja são as mesmas pessoas que decoram o largo, que produzem e distribuem a feijoada. Uma festa do povo, tudo pelo amor e louvor a São João Batista.

Fontes consultadas:

MEMÓRIA E SOCIEDADE (Escola Polivalente de Livramento de Nossa Senhora, 2011)

LIVRAMENTO É DE NOSSA SENHORA (Raimundo Marinho e Eduardo Lessa, 1995)

WWW.MANDACARUDASERRA.COM.BR (Livramento de Nossa Senhora, acessado em fevereiro de 2013)

ENCICLOPÉDIA WIKIPIDIA (acessada em fevereiro de 2013)

ENTREVISTA (Jornalista Raimundo Marinho dos Santos)

FOTOS: Jornalista Raimundo Marinho